

Para onde está sendo levada a Universidade pública?

Jorge Olímpio Bento¹

O Profeta diz a todos: “eu vos trago a Verdade”, enquanto o poeta, mais humildemente, limita-se a dizer a cada um: “eu te trago a minha verdade”...

Mário Quintana, 1906-1994

1. De repente dei-me conta de que o conceito e a missão de Universidade, elaborados por Humboldt (1769-1859) e por Ortega y Gasset (1883-1955), estavam a ser despedidos e mesmo deitados para o caixote de lixo, às ordens de não sei quem, com gozo e risadas de hiena.

Lembrei-me então das advertências de muitos autores clássicos de que o mal corresponsabiliza e vira-se contra quem o consente. Particularmente dura ecoou a de Victor Hugo (1802-1885): *“A traição trai o traidor.”* E igualmente a de Edmund Burke (1729-1797): *“Tudo o que é necessário para o triunfo do mal é que os homens bons não façam nada.”* Tal como a de Ernest Hemingway (1899-1961): *“O homem nunca deve pôr-se em posição de perder o que não se pode dar ao luxo de perder.”* E ainda a de Blaise Pascal (1623-1662): *“Corremos sem preocupação para um precipício, após termos posto uma venda para o não poder ver.”*

Indignei-me e levantei a voz, porque não tenho a prudência fácil do réptil. Fiz e faço isso do modo radical como, julgo eu (desculpem o autoelogio), deve proceder toda a gente de bem e decente.

Sabia o que me aguardava e tinha de enfrentar; não ignorava o lembrete de Oliver Wendel Holmes (1809-1894): *“A mente de um fanático é como a pupila do olho: quanto mais luz incide sobre ela, mais se irá contrair.”* Mas não quis incorrer no erro apontado por Benjamin Franklin (1706-1790): *“Aquele que sacrifica a liberdade por segurança não merece nenhuma das duas.”* Nem quis iludir as lições de Teixeira de Pascoaes (1877-1952): *“Sem atividade criadora não há liberdade nem independência. Cada instante de liberdade é preciso construí-lo e defendê-lo como um reduto. Representa um ‘estado de esforço’ alegre e doloroso; alegre, porque dá ao homem a*

¹ Professor Catedrático e Diretor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

consciência do seu valor; e doloroso porque lhe exige trabalho nos dias de paz e a vida nas horas de guerra (...)

*A escravidão é feita de descanso e de tristeza. (...) Independência, liberdade, quer dizer vida; e vida quer dizer concordância entre o 'meio' e o 'fim', obediência do 'condicional' ao 'absoluto', sacrifício do inferior ao superior, do criador 'individual' e animal à criatura 'espiritual'."*²

As posições expressas, percebe-se bem, denunciam situações vividas no passado recente, semeado de apreensões, desilusões e traições, mas também de amizades e solidariedades.

Sou eu que escrevo este texto, mas recebi de muita gente a tinta e as letras das palavras, aplicando-se inteiramente esta passagem de um poema de Fernando Pessoa (1888-1935):

*Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim
(...) as bruscas frases que aos meus lábios vêm.*

E também o poema *Gota de Água*, de António Gedeão (1906-1997):

*Eu, quando choro,
não choro eu.
Chora aquilo que nos homens
em todo o tempo sofreu.
As lágrimas são as minhas
mas o choro não é meu.*

Isto quer dizer que estão comigo muitos colegas e amigos que se batem pela configuração da Universidade como instituição civilizacional e espiritual, como casa da erudição, ao serviço das causas da Humanidade e Sociedade, da fraternidade universal e plural. Batemo-nos por uma Universidade '**pública**', mas não governamentalizada ou instrumentalizada por qualquer lóbi, corporação ou organização mais ou menos manifesta ou encoberta, por nenhum poder, seja ele sagrado ou profano.

Advogamos uma Universidade que não seja caixa-de-ressonância acéfala dos pregoeiros das modas, das receitas e do senso comum do momento (as três pragas que Nietzsche, 1844-1900, tanto deplorou na sua era!). A obsessão em seguir a

² Teixeira de Pascoaes, *ARTE DE SER PORTUGUÊS*, 3ª Edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

ortodoxia mercadológica vigente cristaliza-se na mediocridade cultural, no esquecimento das exigências da linguagem simbólica. Ao invés, a Universidade viva, criativa, dialogante, intelectual nasce da recusa tanto do pré-moderno como do pós-moderno, devendo afirmar-se como contrapoder dos mandarins e biltres que afrontam e aviltam a dignidade humana.³

Defendemos uma Universidade que use um léxico consentâneo com a sua missão e não importado de outros quadrantes, da onda das circunstâncias espúrias, passageiras e voláteis. Ademais a linguagem é a mãe do pensamento; logo a Universidade, se usar um idioma alheio à sua matriz, não tem pensamento próprio.

Queremos uma Universidade que diga **Não** ao monolitismo e diga **Sim** ao pensamento criador e divergente, porque se não inovar e divergir o pensar não é pensamento. O mesmo é dizer, uma Universidade na qual não seja possível, sequer, abordar e, muito menos, admitir a hipótese de afastar alguém das funções só porque cultiva a divergência, ou seja, cumpre um dos primordiais deveres universitários. Como disse Eça de Queirós (1845-1900), *somente existe a sociedade que pensa*. Ora isto vale sobremaneira para a entidade universitária.

Desejamos uma Universidade que não instile e explore o medo, antes estimule a erguer a voz contra desatinos e desvarios, sejam eles externos ou internos, encoraje a assumir posições como indicador de lucidez e sanidade e encare o unanimismo e o silêncio como anormalidade.⁴

³ “A evolução das universidades na Europa é aterradora. Não na parte das ciências exatas, mas no que era o chamado ‘ramo das humanidades’ — e que infelizmente se passou a chamar ‘ciências sociais’ — as universidades entraram numa decadência aflitiva. A universidade pública tem desprezado esse ramo do saber. Como é que se alimenta a cultura e os valores da cultura, se se nega pertinência, validade e interesse àquilo que são saberes não científicos, mas que são saberes à mesma? Então a Guerra e Paz do Tolstoi, O Vermelho e o Negro do Stendhal, o D. Quixote do Cervantes, um trio do Schubert, a Filosofia, não interessam para nada? Todo este ramo do saber está descuidado e pervertido pelos estudos culturais e pelo pós-modernismo. Daqui vem uma ameaça à sanidade cultural do pensamento do Ocidente (...) Há uma relação entre pós-modernismo e neoliberalismo. O neoliberalismo corrói e opõe-se à social-democracia e à democracia cristã. O pós-modernismo é a outra lei da selva, é a lei da selva no campo cultural e intelectual. Não é por acaso que surgem, alastram e invadem ao mesmo tempo. Eu sou muito conservadora, mas não subscrevo, nem nunca subscreveria, a tese de que a vida em sociedade está sujeita à lei da seleção natural dos mais fortes e que os mais fracos podem rebentar contra a parede.” (Maria de Fátima Bonifácio, *Jornal Público*, 11.03.2012)

⁴ O Marquês de Pombal decidiu, em 1763, abolir a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, acabar com práticas de estigmatização dos primeiros e ordenar a supressão de todas as referências a essa distinção nos estatutos de confrarias, universidades, concelhos municipais e ofícios públicos. Esta decisão foi implementada; porém contou com alguns protestos, nomeadamente o da Universidade de Coimbra. Ou seja, a Universidade não está isenta de um passado de traição. Logo exige vigilância!

2. A *mentira*, diz Pacheco Pereira, “*tornou-se uma prática quotidiana da governação*”, “*tornou-se a essência do discurso do poder (...) Todos os dias há uma nova tentativa de engano, uma manipulação, uma maquinação do espaço público (...) Quem colaborar com este processo está a colaborar numa mentira.*”

Se os ‘de cima’ (a Universidade) fogem à verdade, o que se pode esperar dos outros? Tudo isto, insiste Pacheco Pereira, leva ao empobrecimento da sociedade, retirando-lhe “*todo o potencial criativo e força anímica para qualquer reação que não seja a sobrevivência egoísta e nalguns casos a exploração abusiva da situação*”. Mais, os discursos apologistas e as festas e galas de premiação dos ‘*empreendedores*’, dos ‘*inovadores*’, dos ‘*inventivos*’ não passam de ilusionismo para encobrir a construção de uma sociedade “*destrutiva, paroquial, subserviente, sem oportunidades para os bons e cheias de oportunidades para os maus*”.⁵

O mercado é hoje erigido em teologia suprema e em divindade única que o rebanho universal de facto venera. Com a ajuda dos *media*, ele cria cada vez mais uma manada devota, captura e desaloja os princípios e valores em todas as esferas da atividade: económica, cultural, educativa e social.

Isto dá que pensar, porquanto o mercado empunha o facho da ‘liberdade’ como o seu equívoco evangelho. Com efeito trata-se de “*uma liberdade que tem induzido novas formas de servidão voluntária, que esqueceu a lição de Kant, que tinha deixado bem claro que as coisas têm ou um preço ou uma dignidade. Ou melhor, que se há coisas que não têm preço, é porque têm uma dignidade.*”⁶

A situação coloca vários desafios, todos convergentes para o mesmo fim. Até porque o que se passa na sociedade não fica à porta da Universidade. Se é que já não entrou, pode entrar nela, pela frente ou pelos fundos, uma permanente guerrilha de, por vezes, obscuros interesses, de uns contra os outros, de todos entre si, um linguajar de lugares comuns e do populismo mais grosseiro. Também a Universidade pode contribuir para empobrecer o presente, ao pactuar com o fosso alarmante e imoral entre governantes e governados, entre a miséria da maioria assustada e a riqueza obscena das minorias indiferentes, à imagem de senhores e serviçais, como se o cume

⁵ José Pacheco Pereira, O peixe apodrece pela cabeça, in jornal *Público*, 12.01.2013

⁶ Manuel Maria Carrilho, Sem bússola no divino mercado, in jornal *Público*, 09.01.2013.

da hierarquia fosse um condomínio de muros altos, habitado por uma casta superior e vedado aos restantes.

Também a Universidade pode ser um palco infestado de tagarelas *'reformadores'* e *'refundadores'*, ávidos de ficar na história; e talvez consigam, pelas piores razões, figurar numa minúscula nota de rodapé, abatendo os critérios do passado, sem ter outros para propor, a não ser os da idolatria do deus do mercado. Também ela pode alinhar com a *'ética'* da eficácia neoliberal e o desmanchar do Estado social, mediante o aniquilamento da sua estrutura tradicional e mediante a sonegação dos direitos dos que nela trabalham e a ela se entregam com paixão. Também ela pode imitar os ideólogos ultraliberais no afã de *engenheirizar* e controlar, com uma *ciberburocracia*, a sociedade, os atos e passos quotidianos dos seus membros, coartar e perverter o cerne da liberdade e da profissão académicas. Ao tradicional dilema *'teoria-prática'* sucedeu agora a obrigatoriedade da prática e da realidade terem que encaixar nos ficheiros de *Excel* e em balancetes quejandos!

Os *'reformistas'*, alinhados com os pregões, as ideologias, elites e interesses em alta, almejam quadros obesos de conhecimentos superficiais, mas sem sabedoria alguma, sem pensamento criador e bondoso. Para eles só conta o conhecimento funcionalizado e instrumental e logo num momento em que precisamos do penoso labor de pensar, porque sem ideias não vamos a lado nenhum. Esquecem que a formação e a ciência se reveem na *'arété'*, a arte dos gregos, essa unidade maravilhosa de técnica, saber, ética, estética, excelência, magnificência, excelsitude e virtude. Se excluir estas dimensões humanas e axiológicas, o ensino universitário corre o risco de abandonar a sua matriz ontológica intrínseca: deixa de ser superior no plano cívico, crítico, intelectual e espiritual.

Também na Universidade podem instalar-se *'chefes'* embriagados com o poder, não sendo portanto verdadeiros dirigentes, mas antes um *robot* subordinado a quem lhes dá ou sussurra ordens. Amocham-se perante os fortes e poderosos e agigantam-se perante os fracos e humildes. Ora isso é fácil, mas não é digno.

Também a Universidade pode favorecer a hostilidade ao debate e funcionar em circuito fechado. Cooperar na instalação de uma atmosfera carregada de silêncios, de olhares esquivos, de atitudes politicamente corretas, de cabeças que abanam hesitantes sobre o que dizer ou não dizer, fazer ou não fazer, de receios em assumir

posições, isto é, gente acuada, diplomada mas muito ignorante, amoral e subserviente, por complexo e por objetivos rasteiros.

Como é sabido, onde o medo impera e quando se vende a alma ao diabo, qualquer que seja a sua forma, prescinde-se da liberdade, perde-se a dignidade e todos os princípios e valores correlatos. Perde-se a nobreza de carácter, que é prenúncio, na esfera pessoal, de loucura e morte cívica e espiritual.

Quantos intelectuais genuínos há hoje na Universidade? Meditemos nesta acusação de José Pacheco Pereira: *“Pode-se sempre dizer que qualquer tempo é um tempo de exigência para os intelectuais, embora os intelectuais não tenham uma história particularmente brilhante de ‘interpretação’ dos tempos. Bem pelo contrário, os intelectuais têm uma história no século XX de participarem ativamente nas grandes mentiras do século, fascismo e comunismo em particular, e de justificarem as mais monstruosas das ideias e das práticas, quando estas enunciavam, mais do que praticavam, dar-lhes um papel de interlocutor privilegiado na ‘interpretação’ do que se passava.*

Mas, também por isso, tempos como os de hoje são particularmente exigentes para a réstia de função que ainda podemos atribuir aos intelectuais. Por duas razões: há uma enorme circulação de mentiras em curso, e há um enorme sofrimento na maioria das pessoas comuns e uma perda coletiva da esperança, em si mesmos, na sociedade, na democracia, no país. Esta é a crise perfeita, como a tempestade perfeita.

Pode ser que, mais uma vez, os intelectuais traiam, com a obsessão de respeitabilidade, o respeitinho moderado e o sufoco dos bens escassos para distribuir. Mas a obrigação do intelectual, como escreveu Emerson, é “anular o destino”, pensar para haver “liberdade”. Presos neste miserável destino, o sofrimento de muitos é uma efetiva ameaça à liberdade.”⁷

Por exemplo, onde e por quem foram inventadas as teorias económicas que estão na base das medidas de austeridade e esfola, impostas a vários povos pela gananha e seitoura do mercado neoliberal? Nas universidades!

⁷ José Pacheco Pereira, Os intelectuais e a “anulação do destino”, jornal *Público*, p. 46, 24.11.2012

3. A Universidade carece de heróis contemporâneos. “*Contemporâneo* - define o filósofo italiano Giorgio Agamben - *é aquele que recebe em pleno rosto o feixe das trevas que provêm do seu tempo*”. E herói não é o que faz coisas incomuns, mas tão-somente o que deve ser feito e arrosta com as consequências. É o que multiplica os valores. E assim é feliz, porquanto a felicidade não é o destino da vida, mas é sobretudo a atitude com que estamos nela.

A Universidade precisa de um idioma que apele ao cultivo da cidadania e à recusa do silêncio; que faça florescer a sensibilidade ao sofrimento alheio, a pulsão do altruísmo e da solidariedade, nas suas múltiplas modalidades, como método de resistir à gélida indiferença, tornada lei da selva humana e aceite como norma inevitável; que leve a olhar o rosto do outro não como dispensável e inútil, mas como nosso semelhante e obrigue à responsabilidade por ele; que fale da fragilidade, vulnerabilidade e precariedade da condição humana, comuns a todos; que nos desvie da tentação de encarar a vida dos outros como dispensável, supérflua e estranha à nossa; que ajude a perceber as circunstâncias que fazem as vidas menos ou mais ‘choráveis’; que nos intime a denunciar os atropelos da dignidade humana, da integridade e honestidade, a exigir a restituição da humanidade ameaçada e a reposição da justiça espoliada; que nos vincule uns aos outros; que nos galvanize a dizer aos nossos governantes e representantes que eles não são donos ou colonizadores de nós, nem nós seus servos ou escravos, que não podem privar-nos dos direitos e considerar-nos imigrantes ilegais na própria pátria, que não podem decidir a bel-prazer como base ou só no voto ou só na lei, sob pena dos escrutínios eleitorais serem cada vez mais uma treta, que temos o direito de existir e eles o dever de garantir o cumprimento dos valores basilares da vida e da convivência humana e democrática.

Pratiquemos esta conduta no dia-a-dia da Universidade, nas aulas, nos seminários, na investigação, nos artigos e textos de divulgação!⁸

Postulamos uma Universidade que se deixe iluminar pelos axiomas que a fundam, visando formar pessoas aptas a pensar, interpretar e questionar, atraídas pela busca da sabedoria; e não pela falácia do produtivismo estéril, do *pragmatismo*, *utilitarismo* e *empregabilidade* dos cursos.

⁸ Ana Luísa Amaral, Duas cartas e uma nota, solta, in jornal *Público*, 12.01.2013.

Quando na boca e escrita dos *'reformistas'* se ouve e lê esta terminologia, é certo e sabido que ela se integra num discurso que atenta contra princípios e é desculpa para fazer algo inferior ao que está correto.⁹

Face ao reformismo em voga, inclusive na Universidade, *eu conservador me confesso*. Não logro compreender as veredas seguidas pelo frenesi reformista, nomeadamente a destruição do que é sólido e a sua substituição pelo que é líquido e volátil: a sociedade líquida, as relações líquidas, o amor líquido, o enfraquecimento dos laços comunitários e sociais, o aniquilamento da cultura organizacional das instituições, o declínio das referências e valores, a família reduzida a um centro de serviços, a estrutura da Universidade transformada numa loja de conveniências e fornecimento de serviços *à la carte*, de *splits*, de *fund raising* (e outros termos anglófonos que traduzem um provincianismo serôdio), a proliferação dos consultores de *marketing* e a alienação do empreendedorismo ilusório no lugar da formação esforçada e profunda, a primazia dada à demagogia e ao charlatanismo em vez da palavra criadora e transformadora, a promessa de um futuro excedente à custa do roubo de um presente decente. Sim, eu sou um inveterado português; em matéria de inglês não passo de um *underdog* sem competência linguística, nem sequer para porteiro de uma Universidade inglesa. Repito, sou conservador. Quero ter presente, para poder ter futuro. Quero ver as ruas do meu país cheias de carrinhos de bebés e não de cães conduzidos pela trela. Quero ver a alegria refulgir nos olhos e a beleza do sorriso estampada na cara das pessoas. Não fico boquiaberto perante tudo o que provém e é aconselhado de fora. Fernando Mora Ramos é eloquente: *"A prova da incompetência do discurso dominante está*

⁹ Às vezes pensa-se que a missão dum professor universitário seja hoje, exclusivamente, a de formar profissionais competentes e eficientes que satisfaçam as exigências laborais de cada período concreto. Diz-se também que a única coisa que se deve privilegiar, na presente conjuntura, é a capacitação meramente técnica. Sem dúvida, prospera na atualidade esta visão utilitarista da educação mesmo universitária, difundida especialmente a partir de âmbitos extrauniversitários. Contudo vós, que vivestes como eu a Universidade e que a viveis agora como docentes, sentis certamente o anseio de algo mais elevado que corresponda a todas as dimensões que constituem o homem. Como se sabe, quando a mera utilidade e o pragmatismo imediato se erigem como critério principal, os danos podem ser dramáticos: desde os abusos duma ciência que não reconhece limites para além de si mesma, até ao totalitarismo político que se reanima facilmente quando é eliminada toda a referência superior ao mero cálculo de poder. Ao invés, a genuína ideia de universidade é que nos preserva precisamente desta visão reducionista e distorcida do humano. Com efeito, a universidade foi, e deve continuar sendo, a casa onde se busca a verdade própria da pessoa humana. (Bento XVI, Encontro com Jovens Professores Universitários, Madrid, 19 de agosto de 2011)

nesta imitação fácil. Não há nada mais simples do que imitar com uns modos bem- parecidos um discurso vazio, que nada diz e por isso nada serve – resolve – em matéria de futuro (...) Na realidade modelo e imitador (são) a mesma repetição acéfala. Dêem-lhes massa crítica em concentrada razão, talvez melhorem.”¹⁰

Não devemos comparar-nos tanto com os outros, mas, sim, com os conceitos e fins que traçamos para nós mesmos. Não troquemos a figura idealizada pela máscara importada.

Não queremos uma Universidade colecionadora, recetadora e gestora cega, obediente e embebecida das modas, em vez de ser património e repositório de regeneração, inovação, multiplicação e disseminação da sabedoria humana. Atente-se nisto: estamos obrigados à proclamação da ética e da estética, do bem e do belo, do correto e justo, do elevado e sublime!

Não podemos consentir uma Universidade sem identidade, alheada, desatenta e distraída, que não controle os controlos e as forças que a tentam controlar e dirigir, formatar, rebaixar e subjugar.¹¹

Para tanto exige-se que os docentes não sejam a mistura de dolo e covardia que hoje é norma na política. Que não vendam a alma a nenhum poder ou bem deste mundo, nem cometam o pecado da omissão! Que não se assemelhem à prática de complacência da comunicação social que participa na mesma mediocridade da política e com esta vive em intensa promiscuidade e indecoroso conúbio. Que sejam capazes de se mobilizar sem medo da sombra, que cultivem um modo de ser e de estar com honestidade e aversão à farsa, com modéstia e sem deslumbramento, com vergonha na cara. Porque, acusa Thomas Fuller (escritor inglês, 1654-1734), *“quem não tem vergonha, não tem consciência”*.

O *‘ser professor’* abriga o *‘ser intelectual’*; logo exige uma postura crítica. Esta não é má-língua estéril; é antes aturado exercício de discernimento, indispensável para

¹⁰ Fernando Mora Ramos, O especialista ISSilva, in jornal *Público*, p. 46, 30.12.2012.

¹¹ *“Não sei quanta da minha personalidade está a ser secretamente dirigida por forças que não as minhas. Não controlo os controlos. É isso o terror: não saber quem és.”* (Wayne Coyne, cantor e guitarrista da banda The Flaming Lips).

conceber e experimentar caminhos novos, ligando a tradição à criatividade multifacetada de cada época e recusando os desvarios desta.¹²

4. Não abdicamos da posição de que o *‘Magnífico Reitor’* seja, por inerência da designação, uma personalidade prestigiada, apoiada e em sintonia com a comunidade académica, esteja com ela e não de costas voltadas para ela, fale em nome dela, para fora da Universidade, sobre os grandes problemas e inquietudes da nação, da Sociedade e Humanidade. Que oriente a Universidade, não segundo a vulgata do *managerialismo ‘economês’* e *‘financês’* ou de agendas, cantilenas e cartilhas afins, mas segundo ideias e ideais que balizem o cumprimento da idiossincrasia institucional. Um *‘Magnífico Reitor’* deve ser um *‘intelectual’* fidedigno, na aceção de Foucault, Bourdieu, Zygmunt Bauman e de tantos outros que os antecederam. Para isso não tem que saber grego ou latim, dominar Homero, Aristóteles, Sócrates ou Platão, Marco Aurélio ou São Tomás de Aquino, Camões ou Cervantes, Rousseau ou Humboldt, Goethe ou Kant, Miguel de Unamuno ou Ortega y Gasset, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Vergílio Ferreira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Miguel Torga ou Saramago. Mas tem que comungar fervorosamente o legado civilizacional e humanista que inspira a missão da Universidade; ou seja, tem que ser um Homem de *‘pensamento ampliado’*, idealizado por Homero em Ulisses, na *Odisseia*, expresso por Leonardo Da Vinci e advogado por Kant.¹³

Quando se assume um ofício, como o de Reitor, é imprescindível ter convicções profundas e bem alicerçadas, para não andar ao sabor das ondas. Simultaneamente é importante não usar o ministério para levar avante visões de fé, doutrinas e ideologias pessoais, sob pena de cair no fanatismo. De resto, não são as crenças e ideologias que fazem de um indivíduo uma pessoa melhor, mas sim os seus comportamentos.

¹² Frei Bento Domingues, A vida triunfa da morte, jornal *Público*, 31.03.2013

¹³ *‘Pensamento ampliado’* é o pensamento que faz do ser humano *“um homem de verdade”*, com curiosidade pelo outro, aberto à vontade constante de ampliar os horizontes, de compreender, saber, conhecer e descobrir lugares, culturas, seres diferentes dele mesmo, com mil coisas para contar e com poder de sedução. O pensamento que é a base da sabedoria e é expresso por Ulisses na *Odisseia*, um ser completo. (Luc Ferry, *A sabedoria dos mitos gregos – Aprender a viver II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009).

Um Reitor não deve ser uma *folha de Excel falante* ou um farejador de mezinhas mercadológicas e similares. Também não deve cair na tentação de mudar só por mudar, só para satisfazer a ânsia de protagonismo messiânico. A mudança relevante traduz-se numa arquitetura integradora e superadora do que existe de fecundo.

De um Reitor espera-se que use o ponto de interrogação, no lugar das certezas. E que entenda que o balanço da Universidade – como o de uma boa empresa – não se mede só com números acerca de publicações e de outras coisas (por mais relevantes que sejam), mas sobretudo com o modo como nela se vive: com o otimismo, a harmonia, a confiança, a cooperação, a justiça, o empenhamento, a paixão, as relações humanas, a solidariedade e o bem-estar que nela reinam, a democracia autêntica que nela se pratica.

Temos dois ouvidos e uma boca. Um Reitor é *primus inter pares*; logo deve ouvir estes, antes de tomar decisões. Ou seja, deve refrear o impulso de mandar e poder, porque “*não manda bem quem tem ânsia de mandar*” (John Ruskin, 1819-1900, crítico de arte inglês).

Bom Reitor é o que entende o governo da Universidade como exercício de diálogo cordato e transparente, de colegialidade franca com os múltiplos órgãos eleitos e integrados por muitos membros, nunca violentando os princípios da Universidade como lugar de livre debate, respeitando a autonomia e as escolhas das suas Faculdades integrantes no tocante à gestão do dia-a-dia, promovendo a capacidade de pesquisa e inovação dos seus membros. Deste modo irradia e suscita consenso e confiabilidade na sua postura. Logo esta aptidão é um pressuposto, que requer ser sobejamente comprovado pelos candidatos a Reitor.

Magnífico Reitor é aquele que defende a autonomia e a independência da Universidade em relação a qualquer potentado, príncipe, magnata, igreja, seita ou corporação de interesses. Não para a fechar sobre si mesma, mas para cumprir a inalienável obrigação de intervir e agir nas causas da sociedade e do bem público ou comum.

5. A Universidade, aponta Helena Águeda Marujo, conseguirá recuperar a sua genuína Missão Humanista, Iluminista e Social, se lograr “*afastar-se de alguns poderes rígidos instituídos, e chegar com a ciência mais perto das artes e de uma autêntica cultura*”, se

puder *“ser verdadeiramente a consciência crítica e política da sociedade, encaminhando-nos de um mundo meramente produtivo a um recriador de justiças, igualdades e ética”*. *“Não mais faz sentido a subserviência a ditaduras”* de nenhuma espécie ou área, camufladas ou patentes.

Quando nos confrontamos com a escassez e fluidez dos bens tangíveis, talvez seja conveniente, propõe Helena Águeda Marujo, que nos voltemos para o cultivo dos bens intangíveis: relacionais, culturais, memória histórica, construção de vidas com sentido. Sim, é uma hora urgente para repararmos nos valores, dado que a busca da riqueza material, associada à corrupção e especulação, pôs a nu a maior pobreza humana nesta hora: a da ética relacional e da falta de alma.

Por isso impõe-se passar, com determinação, para um tempo de *“justiça na partilha de recursos e bens”*, para um *“espaço para ouvir vozes tradicionalmente silenciadas”*, para *“relações com sentido”*, para um *“verdadeiro interesse pelo bem comum”*. Ou seja, requer-se a afirmação do *‘orgulho em se constituir como Ser Moral’*.

O superficial deve dar lugar a *“aspirações (...) mais profundas, relacionais e coletivas, e menos de acrílica e excedente riqueza e fama individuais. Cada vez nos interessará mais a ética dos meios em vez de uma duvidosa ética da produtividade e dos fins”*.

Isto reclama que as pessoas decidam intervir na história, assumir a democracia e a cidadania ativas, ergam o pendão da indignação e se liguem a um ceticismo pessimista, consciente do quanto há para inventar e mudar. Logo terá que haver mais vozes dissidentes e alternativas, que denunciem, com fundamento, a falsidade das experiências e medidas impostas.

O mesmo é dizer que urge reconstruir *“a linguagem, com mais (...) palavras e mais gramáticas transgressoras, conscientes de que a linguagem que usamos constrói as nossas realidades”*. A confiança das pessoas precisa de uma gramática que potencie a esperança e o bem comum, servida por uma linguagem com alma e com história.

No campo da pesquisa emerge a necessidade de mudar o paradigma hoje vigente. Ele é atualmente voltada para a competitividade insana e vazia de transcendência, e para a procura de visibilidade dos investigadores. Serve mais a estes do que à comunidade. Urge pautar-se menos por temas duros e espetaculares e mais por temas ligados ao quotidiano das pessoas, ao seu bem-estar, aos valores e virtudes, à sua conduta,

generosidade, sentido de humor e felicidade, àquilo que nos faz querer ser melhores pessoas, ou seja, a assuntos com relevância social e humana.

A ciência é internacional pelos métodos e exigências e não pela adoção das modas mediatizadas e promovidas. Como disse Miguel Torga, *“o universal é o local sem paredes”*. Para sermos universais, basta que não sejamos murados psicologicamente e intelectualmente. Ser internacional e universal é uma atitude; decorre do modo como tratamos problemas e necessidades locais à luz de axiomas e princípios universais.

Necessitamos avivar a consciência *“de que não há conhecimento neutro do ponto de vista valorativo. Falaremos mais abertamente, sem receios, de uma ciência realmente útil e perfilaremos conjuntamente valores a ela associados. Não seremos serventes nem fanáticos reverentes de formas monolíticas de pensar, publicar, investigar, ensinar, trabalhar”*, dirigir e governar. *“Responderemos com mais clareza a questões como esta: o que é uma vida que vale a pena ser vivida?”*

Em suma, a formação na Universidade deve incorporar o imperativo de *“mapear e esculpir a geografia das geometrias morais”*. Para tanto tem que integrar filosofia, *“poesia, muita poesia, profunda e mágica”* que nos elevem para além dos parâmetros e receitas do mercado.¹⁴

Sim, precisamos do regresso dos poetas e pensadores, bem mais do que dos gestores. Que cantem a *tríade do Bom, do Belo, do Verdadeiro*. Que fechem a porta aos imbecis. E que reponham o gosto e a vontade de bondade, beleza e verdade, um modo de viver, de estar, de ser e governar fundado nos deveres, direitos e princípios humanistas que, nos séculos 18, 19 e 20, foram erigidos em bandeiras da dignidade humana e em balizas da Universidade.

Precisamos, parafraseando Sophia de Mello Breyner (1919-2004), *de uma Universidade de luz perfeita e clara*. De uma Universidade que abandone o discurso elitista e darwinista, que só conhece os mais fortes e atira os outros para um poço sem sol. De uma Universidade onde arde a luz da alteridade que alumia o mundo e o rosto de toda a gente, para que as pessoas caminhem, floresçam e frutifiquem enquanto seres humanos.¹⁵

¹⁴ Helena Águeda Marujo, Espero que haja muita poesia, profunda e mágica, depois da *troika*, in jornal *Público*, 08.01.2013.

¹⁵ Ivette Centeno, Defendo o poeta na cidade, in jornal *Público*, 06.01.2013.

Como alerta Frei Bento Domingues: *“Quando se esquece que todas as ciências, técnicas e formas de desenvolvimento só valem na medida em que servem o que não tem preço, o que é meio para algo mais valioso, perde-se o essencial.”*¹⁶

6. Aprendi, de pais com poucas letras, a agir do jeito responsável e frontal, formulado por Gabriel Garcia Marques: *“Diga sempre o que sente e faça o que pensa.”* Esta aprendizagem renovou-se com exemplos recebidos no trajeto universitário. Com ela conjuguei esta proclamação do conhecido humorista brasileiro Millôr Fernandes (1923-2012):

Nunca tive medo, gente

Se onde há perigo

Alguém vai na minha frente.

Não tive medo quando adotei as posições contidas neste texto, porque sempre tive à minha frente e a meu lado os desígnios, princípios e valores atrás afirmados. Sempre contei com o apoio firme e solidário de colegas e amigos. A todos agradeço penhoradamente. Eles são credores da minha gratidão. Bem hajam, em todo o tempo e lugar!

Vasco Pulido Valente afirmou: *“Porque a moral da história é esta: (...) a diferença entre a honestidade e a vigarice desapareceu. Os regimes caem assim.”* As instituições também, acrescento eu.¹⁷

Olhemos pela lupa de Frei Bento Domingues: *“Existem, ao que se diz, cada vez mais provas de que somos bons no que poderia ser o mais difícil, isto é, nas ciências, nas artes, nas letras, mas também crescem os sinais de incapacidade de sermos decentes no serviço do bem público, permitindo o impensável na governação do país, a vários níveis (...)*

É notório que, nos tempos mais recentes, a humanidade tem acelerado o desenvolvimento das suas capacidades científicas e técnicas (...) É nefasta a ilusão de que é possível dispensar algo mais difícil de conseguir: a orientação da vida pessoal e coletiva em termos éticos. A boa medida é fruto de um intelecto que deseja e de um

¹⁶ Frei Bento Domingues, in jornal *Público*, p. 45, 30.12.2012.

¹⁷ Vasco Pulido Valente, Os regimes caem assim, in jornal *Público*, 28.12.2012

*desejo que pensa na procura de instituições justas. Política e ética da virtude não são a mesma coisa, mas não podem andar separadas.*¹⁸

Enfim, verguemo-nos à memória e recomendação de Oscar Niemeyer (1907-2012): “É preciso criar hoje o passado de amanhã.” E sigamos o conselho de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): “Para ganhar um Ano Novo / Que mereça este nome, / Você, meu caro, tem de merecê-lo.”

Da Universidade devem erguer-se sempre vozes de inconformidade, liberdade e dignidade, que não esqueçam o dito dos pescadores: “O peixe apodrece pela cabeça.” Nem tampouco o aviso de Pierre-Édouard Lémonty (1762-1826): “Os abusos, que destroem as boas instituições, têm o privilégio de fazer subsistir as más.”

Para mim faz todo o sentido lembrar, aqui e agora, o poema de Sophia: “Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inicial, inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo.”

Sonho que a Universidade se libertará, em breve, do dialeto escuro, de imaginação e alegorias mortas, e retomará o curso da alegria e do sublime, do humano elevado ao nível dos deuses. Será luz para cumprir a função de iluminar, será contemplativa para ser ativa, contemplará e dará testemunho da realidade contemplada.

¹⁸ Frei Bento Domingues, O ser humano será uma causa perdida? In jornal *Público*, p. 53, 16.12.2012.